

Curso de Pós-Graduação em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior

Tiago Martins Pereira

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Nardelli de Camargo

**AULAS LÚDICAS: O USO DO TEATRO NA
DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA****RESUMO**

Este artigo apresenta uma abordagem sobre o uso do teatro por docentes em universidades. Atualmente os docentes universitários precisam buscar formas lúdicas de ensino, pois os estudantes que chegam às universidades possuem certa dificuldade em absorver os conhecimentos de forma eficiente por meio da educação formal. É preciso que os docentes estejam sempre se atualizando para facilitar a absorção do conhecimento pelos estudantes. Propõe-se, nesse artigo, uma análise bibliográfica do uso do teatro como forma alternativa de ensino nos cursos universitários de licenciatura, uma vez que o uso de uma linguagem lúdica para o ensino vem sendo bastante estudada e se mostra eficiente. Os resultados dessa análise bibliográfica mostraram que o uso do teatro como atividade docente é viável e deve ser utilizado nos cursos superiores como forma complementar de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Docência Universitária. Lúdico. Ensino. Teatro.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo bibliográfico do uso de aulas lúdicas no ensino superior em cursos de licenciatura. Procurou-se analisar a formação docente e avaliar a importância de fazer uso do ensino não formal como forma alternativa de ensino, apresentando a relevância da realização dessas atividades para atrair a atenção dos estudantes (Lupetti, 2009).

Esse tema se justifica, pois o ensino não formal tem sido estudado como elemento motivador e colaborativo ao ensino formal, oferecendo, por meio de mediação, além de entretenimento, conhecimento e informação. Tanto a mediação como os conteúdos trabalhados, no entanto, precisam ser estudados e melhorados para haver um melhor aproveitamento enquanto espaço de ensino-aprendizagem (Jacobucci, 2009).

O fator motivador dessa pesquisa é o fato de os alunos que entram em cursos universitários encontrarem alguma dificuldade de aprendizado quando se valem unicamente do ensino formal. Esses estudantes vivem em um momento de globalização social, tendo contato permanente com meios de comunicação, portanto a informação chega até eles de forma rápida e por vários meios. Segundo Lupetti (2007; 2008a), o ensino formal associado ao não formal traz benefícios imensuráveis para os estudantes universitários.

O objetivo desse artigo é analisar a bibliografia específica sobre o uso de elementos lúdicos para formação docente e mostrar que o ensino não formal pode e deve ser associado ao ensino formal, apresentando um referencial teórico baseado em Lupetti (2006; 2007; 2008; 2008a; 2009), Libâneo (2001; 2004) e Paulo Freire (2002; 2003).

Tomou-se o cuidado de apresentar o ensino não formal de forma complementar ao ensino formal, que se mostra ainda a melhor e mais eficiente forma de ensino (Libâneo 2001).

A metodologia utilizada foi o estudo de literatura específica da área e ainda o estudo de um vasto referencial teórico que problematiza o tema em questão. Escolheu-se o teatro como recurso pedagógico complementar ao ensino formal.

Essa pesquisa iniciou-se com a leitura de artigos e livros específicos sobre o tema proposto que discutiam a importância do uso do teatro como forma lúdica de ensino, quais as implicações de usar essa técnica, passando por questionamentos de arte/educação e terminando com uma proposta de docência universitária lúdica, ou seja, uma proposta de aula com técnicas de teatro.

Quando se fala da docência universitária, é preciso lembrar sempre a tríade que compõe o ensino superior, ensino/pesquisa/extensão, e assim formar estudantes preparados para aprender, pesquisar e desenvolver projetos como também prepará-los para o mercado de trabalho. Pesquisadores comprovaram que o uso de arte/teatro na universidade tem se mostrado muito eficiente, principalmente em cursos de ciências exatas, que são considerados cursos com um alto grau de dificuldade. Muitos dos grupos que trabalham com teatro em aulas universitárias são constituídos por químicos e físicos, como, por exemplo, o Núcleo de Divulgação Científica Ouroboros, do Departamento de Química da UFSCar ou o Museu Fábrica Centro de Ciência Viva da Universidade de Aveiro em Portugal.

Para construir esse artigo, empregou-se a seguinte estratégia: estabelecer uma comparação entre o método formal de aquisição de conhecimento e o método não formal.

1. AULAS LÚDICAS: O USO DO TEATRO NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

2.1 Métodos formais de aquisição do conhecimento

É de extrema importância o estudo das teorias em Educação quando se trabalha com ensino superior. O docente precisa estar bem preparado e conhecer a melhor forma de transmissão do conhecimento para que os estudantes absorvam o conteúdo de maneira eficiente. Paulo Freire (2002;2003), em suas obras, discutia quais as melhores metodologias para se ensinar de forma apropriada e concisa: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002 p.21). Segundo ele, não adianta apenas depositar o conhecimento, é preciso que os estudantes construam esse conhecimento para poderem absorvê-lo. Dessa forma, os estudantes universitários teriam uma maior facilidade para lidar com o conhecimento adquirido durante o curso.

Libâneo (2001; 2004) defende, em suas obras, que a educação contemporânea precisa passar por um processo de transformação para assim poder se adaptar e trazer para a atualidade questões educacionais. Ele explora a pedagogia crítico-social dos conteúdos: integrar os aspectos materiais/formais do ensino e, ao mesmo tempo, articulá-los como movimentos concretos tendentes à transformação da sociedade. Eis os propósitos da pedagogia crítico-social dos conteúdos (Libâneo, 2004).

Dentro dessa perspectiva, esse artigo propõe o uso de atividades lúdicas como forma alternativa de ensino, oferecendo aos estudantes aulas mais divertidas, alegres, que apresentem, além dos conteúdos do currículo obrigatório do curso, um pouco de diversão e cultura, sem abrir mão do aprendizado formal.

Quando analisamos a formação docente para o ensino superior devemos tomar cuidado com a qualidade dos conceitos e conteúdos abordados em sala de aula, bem como ter em mente que a universidade existe para que os alunos aprendam conceitos, teorias, desenvolvam capacidade e habilidades, formem valores e atitudes, tornando-se assim profissionais e cidadãos. (Libâneo, 2001) Quando o docente formula o projeto pedagógico, os planos de ensino, os currículos e os processos de avaliação de sua aula, é preciso analisar quais metodologias possíveis serão mais eficientes para a formação pessoal e profissional dos estudantes envolvidos naquelas aulas. O uso de atividades lúdicas vem sendo bastante estudado e se mostra uma forma eficiente de ensino, por isso o docente universitário, em sua formação, deveria ter um contato direto com essas metodologias, construindo assim uma bagagem de conhecimento e uma melhor formação docente.

Não adianta o docente apenas ter uma formação na área de conhecimento em que atuará, ele precisa ter uma formação cultural, artística e profissional. Quando o docente aborda apenas o conhecimento dos conteúdos em sua aula, os estudantes se sentem desmotivados, como se a aula fosse algo mecânico e previsível. O docente que utiliza atividades lúdicas acaba despertando o interesse dos estudantes, tornando assim a aula mais divertida e dinâmica (Lupetti 2008).

O foco, o nuclear da prática docente é a aprendizagem do aluno, resultante da sua própria atividade intelectual e prática realizada em parceria com os professores e colegas. Portanto, a referência para as atividades do ensino é a aprendizagem, ou seja, ensina bem o professor que consegue com que o aluno aprenda bem com base numa relação pessoal com o saber e aprenda a pensar metodicamente. Nesse sentido, a característica básica das disciplinas escolares é que elas devem ser organizadas e trabalhadas para serem aprendidas pelos alunos. Ou seja, o como se ensina depende de se saber como os indivíduos aprendem, ou melhor, como adultos aprendem (LIBÂNEO, 2001 p.7).

Libâneo (2001) propõe uma mudança do perfil do professor universitário. À universidade cabem funções essenciais, que são: a transmissão do conhecimento de forma efetiva, o questionamento sobre os saberes existentes, a criação de novos saberes respondendo à realidade histórica, social, política, cultural e científica. Liga-se assim a formação docente às atividades da universidade e concebe-se um profissional que domine o conhecimento e saiba

como transmiti-lo para os estudantes, isto é, um profissional que domine o saber específico e o saber pedagógico, além de ser um bom pesquisador, que produz conhecimentos novos e prepara os estudantes para pesquisa e investigação.

2.2 Teatro e educação

O teatro teve seu nascimento durante as festas dionisíacas da Grécia Antiga, e desde então tem um importante papel social e cultural, oferecendo conhecimento e diversão por meio de atividades cênicas em que atores interpretam um personagem específico, defendendo um ponto de vista ou uma ideia. O uso das artes cênicas em salas de aulas é bem recente e vem se mostrando bem eficiente (Lupetti 2009).

Há algum tempo, a pedagogia faz uso do teatro, levando assim o lúdico para as salas de aula. Aristófanés, por exemplo, fazia uso dessas técnicas: em 414 a.C., com o lançamento da peça “As Aves” o dramaturgo fazia críticas aos jovens e ao sistema educacional. Em seu artigo, Montenegro (2005) discute as experiências que teve com um grupo de teatro universitário, mostrando assim a importância da união entre teatro e ensino universitário.

Se tomarmos a Grécia como ponto de partida do desenvolvimento do teatro, encontraremos que, por ocasião da colheita das uvas, eram promovidas homenagens a Dionísio, deus do vinho, da fertilidade, da fonte da vida e do sexo. Durante os festejos anuais, formavam-se procissões e cortejos, ao som de canções improvisadas entoadas por jovens em giros dançantes. Surgem nessas manifestações os primeiros registros do uso coletivo do canto, da dança e da representação. Este é, para muitos, o berço do teatro que nasce como forma coletiva de arte, utilizando-se de várias linguagens (MONTENEGRO, 2005, p.31).

Quando se fala de uma abordagem progressista, deve-se, segundo Freire (2002), olhar a universidade através de seus muros, incluindo o convívio dos estudantes em casa, nas atividades sociais e religiosas, aproveitando, enfim, todo meio social com que os estudantes têm contato direto. Dessa forma construir-se-á uma educação para a transformação do sujeito

e do mundo. Assim o teatro pode ser um caminho que se abre como inovação na educação atual. (Cavassin, 2008)

Para um uso efetivo do teatro em sala de aula, o docente universitário precisa tomar alguns cuidados, pois não se deve abusar do uso dessas técnicas, já que o método de ensino formal ainda se mostra o mais eficiente. O teatro como forma alternativa deve ser usado moderadamente.

Como proposta de atividade lúdica no ensino superior, sugere-se uma atividade interdisciplinar, que pode ser elaborada com outros professores do curso. Em um curso de Letras, por exemplo, um professor da área de Linguística pode se associar a um colega da área de Literatura e produzir uma aula espetáculo apresentando relações entre a estrutura da língua falada e a construção de personagens nas narrativas ficcionais, produzindo assim um roteiro e uma apresentação do conteúdo dessas duas áreas do conhecimento.

Segundo Roque (2007), essa metodologia se mostra mais eficiente, pois, além de trazer uma motivação para aprender, acaba trazendo uma motivação cultural e pessoal.

Atualmente, no Brasil, algumas universidades, principalmente estaduais e federais, possuem grupos de estudantes que dedicam uma parte de sua graduação para desenvolver projetos lúdicos de ensino, orientados por professores. O Núcleo de Divulgação Científica Ouroboros, por exemplo, está localizado no departamento de Química da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e vem, desde 2004, desenvolvendo atividades de divulgação científica por meio do uso das artes cênicas. Propõe-se o ensino de Química para crianças, adolescentes e adultos através de peças de teatro científico, além do desenvolvimento de atividades com deficientes visuais. Segundo os artigos de Lupetti (2006;2007;2008; 2008a; 2009) consultados, chega-se à conclusão de que o uso dessas técnicas deve e pode ser utilizado por professores em cursos universitários.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise do referencial teórico desse artigo, pode-se considerar que a relação entre teatro e educação superior deve ser incluída no processo de formação docente, trazendo, para a formação do professor universitário, um ganho considerável de conhecimento e de melhores formas de transmissão de conteúdos, pois o estudante universitário tem a necessidade de uma formação que contribua para que ele entenda e transforme o mundo em que vive e compreenda processos de transformação pessoal e social do meio. O uso do teatro auxilia nesse processo de formação, tanto profissional quanto pessoal, cultural e artística.

Verifica-se que o uso dessas atividades lúdicas pode proporcionar uma aprendizagem efetiva e acarreta um envolvimento maior entre os estudantes e os conteúdos da disciplina ministrada. Sendo o teatro um processo que envolve sujeitos em ações, foram avaliadas as práticas pedagógicas de Libâneo (2001; 2004), que propõe uma constante reciclagem na docência universitária. Propõe-se, pois, como uma efetiva mudança na formação docente, a inclusão de atividades lúdicas em sala de aula, lembrando sempre que essas atividades devem ser utilizadas de forma controlada e como metodologia alternativa de ensino. O uso esporádico dessas atividades se justifica segundo as obras consultadas de Lupetti (2006;2007;2008; 2008a, 2009).

Quando o docente universitário faz uso de atividades dessa natureza, opta por uma prática inovadora e reconhecidamente produtiva. Analisando o processo de formação dos estudantes universitários, baseado fundamentalmente na tríade ensino/pesquisa/extensão. Não se pode negligenciar o fato de que o ensino superior não está restrito à sala de aula, devendo-se, portanto, levar em consideração o meio em que vivem/atuam esses estudantes. As aulas devem, pois, ser prazerosas e abordar assuntos de interesse coletivo desses jovens.

Dessa forma o conhecimento será construído de maneira diferente e tornar-se-á mais produtivo, porque não vem dissociado do universo cultural dos educandos.

É preciso ter consciência de que o uso dessas atividades lúdicas muitas vezes demanda tempo, paciência e, principalmente, uma formação docente específica. Nem todas as universidades, porém, dispõem de estrutura para a realização dessas atividades, mas, se forem considerados os aspectos sociais e educacionais envolvidos, os resultados dessa prática docente serão compensadores e deverão ser estimulados. Há ainda muitas questões para serem estudadas e avaliadas no referente a essa metodologia de ensino, um vasto campo de pesquisa se estende pela frente e é preciso realizar um estudo de caso mais consistente, em que as atividades seriam ministradas pelo docente e assim se produziria uma análise quantitativa e outra qualitativa de quanto essas atividades foram eficientes, o quanto do conteúdo abordado foi absorvido pelos estudantes e ainda quais os graus de receptividade que estes tiveram com essa forma de ensino.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acessado em 15 nov. 2014.

CAVASSIN, J. *Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica*. Rev.Cient./FAP, V.3, p.39-52, Curitiba, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27ª ed. Paz e Terra, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Pedagogia-da-Autonomia.pdf>>. Acessado em 10 nov. 2014.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 36 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2003.

Fábrica Centro Ciência Viva Aveiro. *Teatro para ensinar ciência*. Disponível em: <<http://www.ua.pt/fabrica/PageText.aspx?id=17904>>. [Acessado em 15 nov. 2014.](#)

MONTENEGRO, B. O papel do teatro na divulgação científica: a experiência da Seara da ciência. *Rev. Cienc. Cult.* Vol.57, Nº4, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000400018&script=sci_arttext>. Acessado em 15 Nov. 2014.

Núcleo de Divulgação Científica Ouroboros. *O Grupo*. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/ouroboros/>>. Acessado em 15 nov. 2014.

JACOBUCCI, D.F.C.; *Experiências de formação de professores em centros e museus de ciências no Brasil*. *Rev. Elect. De Enseñanza de las Ciencias*, V.8, Nº1, 2009. Disponível em <reec.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART7_Vol8_N1.pdf> Acessado em: 15 nov.2014.

LIBÂNEO, J. C. O ensino de graduação na Universidade – a aula universitária. *Educação Por Escrito*. PUCSP, v. 5 n.1, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/index> >. Acessado em 10 Nov. 2014.

_____. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2004. Disponível em:

<http://campus20142.unimesvirtual.com.br/eduead/pluginfile.php/66342/mod_resource/content/0/P_DES_ELDB_1_1_03.pdf>. Acessado em 10 Nov. 2014.

LUPETTI, K.O. Núcleo Ouroboros de Divulgação Científica: divulgando ciência e arte. 5º Simpósio Ciência e Arte- FIOCRUZ- Rio de Janeiro, 2008.

_____. Ouroboros: teatro para divulgar ciência, tecnologia e cultura. I Seminário Hispano Brasileiro de CTS, UNICSUL, São Paulo, 2008a.

_____. Além da Lenda: Entretenimento para divulgação de ciência e cultura. XIII Encontro Nacional de Ensino em Química, UNICAMP, Campinas-SP, 2006.



_____. Magia vs Ciência: Teatro para divulgação científica e ensino de química. 30ª Reunião Anual da SBQ, ED 158, Águas de Lindóia-SP, 2007.

_____; Zuin, V. G., Ambientalização em um espaço não-formal de ensino: Núcleo Ouroboros de Divulgação Científica. VII Enpec- Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência, Florianópolis, 2009.

ROQUE, F.N. Química por meio do teatro. *Química Nova na Escola*, v. 25, p. 27-29, 2007.